

## Sobre a Estética da Comicidade

Carlos Contente<sup>1</sup>

Carlos Contente  
Estética da comicidade  
27 de setembro a 28 de outubro de 2018  
Centro de Artes da Universidade Federal Fluminense

Estética da Comicidade, minha última mostra individual no Centro de Artes da Universidade Federal Fluminense, consiste na exposição de três histórias produzidas em 2013, 2015 e 2016 respectivamente; são "histórias-fora-dos-quadrinhos". Há também uma bancada pintada, que no dia da abertura tinha sobre ela uma bala: uma bancada da bala. Há uma vídeo entrevista, que eu e a curadora Jacqueline Melo julgamos necessária como introdução, para que não haja dúvidas sobre a intenção do artista.



Carlos Contente. *Estética da Comicidade*. Galeria de artes da UFF, setembro e outubro de 2018. Foto: arquivo do artista.

---

<sup>1</sup>Carlos Contente é artista visual, mestrando em processos artísticos contemporâneos pelo PPGArtes da UERJ e graduado em Pintura pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Expôs em galerias e feiras de arte contemporânea no Brasil e no exterior. Sua pesquisa envolve texto, humor e desenho. Mais sobre o artista: [www.carloscontente.com.br](http://www.carloscontente.com.br) ou @contentestudio

O título da mostra é um trocadilho do título do filme "Arquitetura da destruição" (documentário sueco de 1992 dirigido por Peter Cohen). Nos desenhos descritos acima protagonizam as personagens Claudinho, um autêntico batalhador carioca, guia turístico, e seu hóspede Adolfo, um inadequado europeu, trajando um sobretudo mesmo no calor, um neonazista assumido que vem ao Brasil em busca de "turismo de atrocidade".



Claudinho & Adolfo e o fim da aventura humana na Terra, 2016 (narrativa composta de 140 desenhos medindo 15 x 21 cm cada), detalhe.

Claudinho & Adolfo é uma ficção absurda. A história, contada a traços rápidos e despojados de virtuosismo é uma crítica à face desumana e autoritária que assume o Capital quando tem que enfrentar as crises que cria e aos estados de exceção criados constantemente nos bolsões de miséria e exclusão. A dupla circula pelo Rio de Janeiro, visitando bairros silenciados e governados por grupos armados; assistindo de camarote numa laje uma cena de extorsão policial com bandidos, visita uma fila precária do SUS onde uma médica negra é alvo de comentários racistas e classistas. Adolfo se apaixona por esta terra, aonde ele verifica que os

elementos fundamentais para seus cultuados regimes autoritários prevaleçam, já se encontram "no ar".



Claudinho & Adolfo e o fim da aventura humana na Terra, 2016 (narrativa composta de 140 desenhos medindo 15 x 21 cm cada), detalhe.

Na segunda história "Claudinho & Adolfo em uma aventura baiana", o adorador do fascismo começa a narrativa desembarcando de um voo de Salvador com um enorme chapéu de palha, um berimbau e gritando para Claudinho que está apaixonado, mas logo veremos que não é por uma pessoa. A conversa se dá dentro da van do guia turístico, enquanto Adolfo narra suas peripécias e é interpelado pelas perguntas de seu interlocutor; e as imagens nos remetem a Bahia - guiado pelo primo baiano de Claudinho- o nazi faz turismo por situações de flagrante forjado sobre jovem negro de periferia, fazendas com trabalho em condições análogas a escravidão e jovens de elite do interior praticando extermínio a sua maneira - que Adolfo define, pasmo como mais à direita do que a extrema direita.



Claudinho & Adolfo e o fim da aventura humana na Terra, 2016 (narrativa composta de 140 desenhos medindo 15 x 21 cm cada), detalhe.

A terceira história gira em torno da ambiguidade da palavra "gravidade". Grave, sério, sóbrio, soturno, mortal; Gravidade, o peso das coisas, o campo gravitacional; a força de atração. Ambos os sentidos da palavra vêm a calhar quando se trata de falar do crescimento do fascismo. Adolfo está em crise, ranzinza, histérico e gritão após ter esgotado todas as suas economias em turismo de atrocidade pelo Brasil. Ainda por cima, o quarto alugado em que vivia na Europa, na casa de sua tia comunista e saudosa da DDR (Alemanha Oriental), foi alugado para imigrantes ilegais jamaicanos. Adolfo tenta inutilmente levantar um empréstimo com um primo físico nuclear que trabalha no Grande Colisor de Hádrons na fronteira franco-suíça; o equipamento é um baita acelerador de partículas sub atômicas com quilômetros de extensão - o qual já se sugeriu que poderia gerar um buraco negro em plena Terra - porém o primo Hans é distraído em seus experimentos por propostas de suborno de diversos grupos econômico-militares árabes, russos, israelenses e americanos. E de fato, *a merda se dá*: um enorme buraco negro se abre, engolindo tudo aquilo que chamamos de realidade.

Paralelamente Adolfo, está no Rio de Janeiro reagindo a um moleque de rua, como quem reage a um assalto; do nada é "salvo" por hordas de homens de bem que massacram o moleque com toda a violência. É a virada na história, quando Claudinho que até então tinha aturado de tudo com o cliente nazista, chega ao seu limite: a cena de linchamento gera um buraco negro em seu coração, a medida em despona no horizonte o outro buraco negro do experimento nuclear.

A escuridão se impõe. Os personagens se encontram em um cenário absurdo (ou nem tanto) de um mar de merda, ou de mérdre, em referência ao *Rei Ubu* de Alfred Jarry. No mar as personagens são levadas pela Maré em sequências de acontecimentos ilógicos (Adolfo vai parar em um tribunal que não é o de Nurenberg, mas o de *Zuckerberg - Otribunal do facebook*) rumo ao futuro, de encontro com seus próprios temores. Adolfo vai parar na Berlim de 2049, onde é um indigente, detido pelas autoridades locais islâmicas por porte de drogas estimulantes do Brasil. Quando Adolfo se depara com o *Bundestag*, visualiza aterrorizado que além de uma república islâmica, a Alemanha adotou novamente o comunismo, ele surta de vez.

Claudinho vai parar em uma comunidade carioca no ano de 2049, onde há drones e cartazes de políticos/bispos/pastores por todo lado. As drogas como a cocaína e o crack são vendidas corriqueiramente nos botecos e inclusive para crianças; e sua exportação, o orgulho nacional. A moral cristã não interfere nos negócios muito lucrativos, mas se adequa a eles. Em contrapartida a ditadura evangélica e sua polícia de aluguel é implacável com usuários ou portadores de livros de História e desde que a matéria foi banida do currículo escolar e declarada ilegal, qualquer um *com cara de leitor* pode rodar a qualquer momento.





Claudinho & Adolfo e o fim da aventura humana na Terra, 2016 (narrativa composta de 140 desenhos medindo 15 x 21 cm cada), detalhe.



Claudinho & Adolfo e o fim da aventura humana na Terra, 2016 (narrativa composta de 140 desenhos medindo 15 x 21 cm cada), detalhe.

As histórias foram produzidas nos últimos cinco anos, com a vontade de pôr para fora os elementos do fascismo que já estavam no ar. Viraram publicações online e performances em protestos - a primeira história virou livro em 2014. As outras duas são inéditas, escritas enquanto acompanhava o crescimento do extremismo no Brasil e no exterior. Um toque de humor frente ao fascismo e à obscuridade - mas nunca o humor terrorista e mentiroso deles. O deles, não!

